

DEPOSITO LEON

JAN 1957
JAN 1957



CRÓNICA
Masculina

DE HOMEM PARA HOMEM

APRENDER ATÉ MORRER



COM todo o empenho e boa vontade, o Ministério da Educação Nacional em colaboração estreita com o SNI prossegue activamente a sua campanha contra o analfabetismo — o tal inimigo n.º 1 da cultura.

No entanto, embora pareça incrível por essas recônditas aldeolas da Província e até nos bairros vetustos da nossa Lisboa, vai ficando quem não sabe pronunciar o B A BA e não assina senão de cruz, se é que aprendeu algum dia a pegar na caneta.

Os seus conceitos sobre o desenho da primeira letra são tão difusos como os relativos à Televisão. «Saber ler e escrever é coisa de sábios que lhes faz mal à saúde

— proclama em ar de sentença um saloio nosso conhecido que veio anteontem das berças e alugou casa nas Avenidas Novas.

Geralmente o analfabeto não sente o menor querer em deixar de sê-lo. Se o desejo de se identificar com o abecedário o prendesse, pelo menos já saberia a esta hora que o i é um palito com ponto em cima.

Há quem diga: agora depois de velho é que vou ouvir a mestra? Pois, sim senhor. Se não foi aos quarenta, aos sessenta, ou aos oitenta vá agora que está ainda a tempo de ir à escola. Mas muita gente, tomada de o atroz comodismo, prefere ir para a cova como veio do berço.

Em vez dos meios suasórios e benignos que vem usando o Ministério da E. N. e o SNI nós praticariamos os da abrigatoriedade coerciva e não dispensariamos sequer de provas concludentes certos analfabetos janotas que andam por aí a presumir de letrados.

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 3 — 22-XII-1956

Director e Editor: RUI COSTA

Redacção e Administração: Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39 e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR & DIAS, LDA. — (Composto e impresso nas oficinas da E. N. P. (Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

6 histórias de MÉDICOS

1 O Doutor Egas Moniz era, acima de tudo, um homem de espírito.

Um dia, ao encontrar-se no Alto de S. João com o proprietário de uma conhecida agência funerária, este cumprimentou-o.

— É teu amigo? — perguntou um amigo do saudoso mestre.

— Sim... É o encadernador das minhas obras... — respondeu o doutor Egas Moniz.

2 A doença era grave, a intervenção cirúrgica melindrosíssima. O operador procurava tranquilizar o paciente.

— Não se preocupe. Agora, vamos anestesiá-lo e verá como me ponho, pequeno, muito pequeno até desaparecer. Ao cabo de pouco tempo, voltará a ver-me, pequeno, a princípio, e depois cada vez maior. Quando me vir do tamanho natural, a operação está terminada.

Efectivamente, após a injeção a mente do enfermo começa a nublar-se e o cirurgião desaparece. Pouco depois reaparece mas com barba.

— É possível que neste curto espaço lhe tenha crescido a barba? — pergunta.

— Eu não sou o cirurgião, meu amigo. Sou o S. Pedro...

3 Um médico aconselhava um doente nestes termos:

— O senhor preocupa-se excessivamente com o dinheiro. Deixe-se disso. Há poucas semanas tive um cliente que não podia dormir. O pobre homem estava tão aborrecido com as contas do alfaiate que lhe aconselhei a esquecer-se delas, e agora encontra-se bem.

— Sim, doutor — disse o outro com tristeza. — Eu sei. Eu sou o seu alfaiate.

4 Um jovem médico que tinha começado a exercer clínica com grandes esperanças, certa tarde recebeu um telefonema. Era um colega a convidá-lo para quarto jogador de uma partida de «bridge». Hesitou uns momentos, mas

como tinha pouca clientela acabou por aceitar.

— É algum caso importante? — perguntou-lhe a esposa ao saber que ele ia estar ausente toda a tarde.

— Importante? Com certeza — replicou o doutor cheio de orgulho. — Já lá estão três médicos e não prescindem de mim para a conferência.

5 Roentgen, o célebre descobridor dos raios a que deu o nome (também chamados raios X), costumava, falar muito baixinho. Todas as súplicas dos seus alunos para que elevasse o tom de voz de nada serviam.

Certo dia um caloiro suave que procurava anotar fielmente a exposição do mestre, ao verificar que não conseguia ouvir palavra, fechou o caderno e dirigiu-se à porta. Quando já ia a sair, Roentgen gritou zangado:

— Que é isso? Você atreve-se a interromper a aula?

— O suave voltou-se com um sorriso amável:

— Olha como ele se ouve agora! Demasiado tarde, professor. E saiu...

6 Um psiquiatra recebe a visita de uma senhora que vem pedir-lhe conselho para seu filho.

— Não pensa senão em selos. Passa horas e horas de volta da colecção.

— Minha senhora — interrompe o médico — é uma coisa normalíssima. Eu faço o mesmo.

— Pede selos a todas as pessoas conhecidas.

— Também eu, minha senhora. Não há nenhum filatelista que não recorra às suas relações...

— Mas, doutor, vai pedir selos a todos os consulados.

— Isso nunca fiz; mas acho uma ideia excelente. Vou já praticá-la.



Incrível! Um homem chamado Kalanag transforma a água da piscina em vinho e deliciosos licores. E faz muito mais coisas... (Ver pág. 32).



É SÓ ESCOLHER: OS MODELOS OU AS "MARIONETTES"?

Não há dúvida de que as «marionettes» têm interesse; mas não passam de cópias do natural e para mais de «pasta» e em miniatura. Além disso, à primeira vista, os vestidos das bonecas parecem-nos de muito mau gosto... Mas para que havemos perdermo-nos em apreciações deste género? As Irmãs Beverly, três loiras explosivas, lá estão para mexer os cordelinhos das «manas», manufacturadas à sua imagem e semelhança... pouco mais ou menos... Um agente artístico garantiu-nos que as Beverly Sisters viriam em breve a Portugal... Assim seja; e escusam de trazer as manas em miniatura...

Muito conhecido, sim... mas de quem se trata?

Ao que se diz, não foi uma beldade extra-terra, mas ressumbrava engenho e encantamento. Possuía um estranho sortilégio que enredava os homens. O seu poder de atracção atravessava as fronteiras da sua pátria e saltava sobre os mares.

Depois de morta, ainda despertava o interesse dos filhos do pai Adão e mais pôde ocupar-se dela (era mulher) toda uma verdadeira indústria. A princípio formou-se pomo de graves discórdias. Casada em primeiras núpcias com o seu próprio irmão, foi depois mãe de três varões e uma rapariga, de pais diferentes. Os figos (dizemos figos e não filhos) uma alfombra e uma serpente desempenharam grande papel na sua vida.

Quem é esta venerável senhora? Você, leitor, que traz na ponta da língua os nomes das mulheres fatais, tem o dever de descobrir, mas se a memória o não ajudar, pode recorrer à solução que se publica na página 30.

NA CON- TRA-CAPA:

Este «sujeito» chama-se Alan Winslow. Se compararmos a sua estatura com a vassoura que está a seu lado e com a altura do rodapé da parede, ficaremos estupefactos, porque concluiremos que ele não pode ter mais de três meses, e, no entanto, já consegue pôr-se de pé (Alan jura que não está apoiado à vassoura nem à parede). Solução do mistério: o pequeno tem já um ano de idade, embora o seu minúsculo tamanho não o dê a entender.

Alan não se preocupa, pois acha que... os bebés não se medem aos palmos!



NO EGIPTO era legal a profissão de gatuno

Talvez o leitor não saiba que no Egipto faraónico qualquer indivíduo podia exercer, legalmente, a profissão de gatuno. Para tanto bastava que se inscrevesse num livro a esse fim destinado.

Como o roubo era quase um costume o legislador teve de transigir. Os larápios «matriculados» esportavam um imposto (variável consoante a época) para o erário público e desde que andassem em dia com o Estado podiam «operar» à vontade — a não ser que as vítimas os surpreendessem em flagrante. Depois, manifestavam o produto das suas colheitas tal como sucede hoje com os agricultores e viticultores.

Quando o roubado dava por ela e queria recuperar os objectos, dirigia-se à repartição respectiva e resgatava o que era seu pela quarta parte do valor atribuído.

Outras latitudes, outros tempos e outras leis.

OS 8 FILHOS de JOSEPHINE BAKER

— Ela já tinha seis, órfãos vindos de seis países diferentes. Adoptou agora mais dois, na Argélia, chamados Marianne e Brahim, que vemos aqui nos seus braços, no momento em que Joséphine subia



para o avião que a levaria de regresso a Paris. Em Bergerac, no sudoeste da França, onde a grande artista vive com o marido, Jo Bouillon, está prometido um futuro feliz aos oito orfãozinhos que ela adoptou, numa grandeza de alma e coração que abarca todo o mundo de boa vontade.

A CAMINHO DO ÊXITO

Minou Drouet, toda vestida de negro, prepara-se com gravidade para as exigências do êxito. As Edições Kister (Genebra), acabam de lançar a sua obra, intitulada «Poèmes», e foi numa grande livraria da avenida da ópera (Paris), que Minou traçou, com a letra bem feitinha que ela sabe, as numerosas dedicatórias que os amigos e admiradores solicitavam.



AS BARBAS E O GÉNIO

Este senhor barbudo e sorridente, a brincar com o bebé de que é pai, é nada mais nada menos do que o já célebre Peter Ustinov. Há quem entre os artistas portugueses o considere um cabotino, mas nós somos de opinião que, admitindo que ele o seja, não é Cabotino quem quer. Conhecemos artistas e intelectuais da nossa praça que deliravam se agente lhes chamasse cabotinos. De facto, para se ser cabotino reconhecido como tal, é preciso ter lá *dentro* uma centelha de génio. E Peter Ustinov, cabotino ou não, é um artista de centelha.

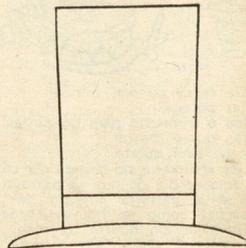
Esses meninos de barbas, cuidadas ou não, que apareceram ultimamente em Lisboa, ficam sempre satisfeitos ao verificarem que Ustinov também deixou florescer a flora capilar do rosto. Sempre é um traço de união!...



CHAPÉUS ... HÁ MUITOS!

Partindo deste princípio, Nina Panomareva, a atleta eslava, deuse ao trabalho de escolher cinco entre os que melhor lhe assentavam, numa loja de modas londrina. Não pretendemos sequer lembrar que ela «se esqueceu» de pagar, o que levantou tremenda complicação internacional. O humor de um juiz britânico resolveu com uma simples absolvição, atendendo a vários aspectos atenuantes. Isto nem a propósito da chegada de Nina Ponomareva a Melbourne, onde defendeu as cores do seu país, nos últimos jogos Olímpicos. Como documenta esta nossa fotografia, a sua chegada levou uma multidão de curiosos ao aeroporto e provocou uma onda de boa disposição. Afinal... chapéus há muitos!...

ILUSÃO DE ÓPTICA!



A ilusão de óptica é total, quando se trata de determinar as proporções do chapéu desenhado acima. Com efeito, à primeira vista, parece nitidamente mais alto do que largo, nas abas — e acontece que, na realidade, a altura e a largura são absolutamente iguais.

Nós somos mais aptos a mover a nossa vista da esquerda para a direita do que de baixo para cima. Esta é a razão pela qual as coisas que apreciamos na vertical nos parecem mais altas do que largas.

COCTEAU e os discos voadores

A força de querer continuar jovem, Jean Cocteau decidiu acreditar nos discos voadores. Escreveu o prefácio de um livro de Jimmy Guieu: «Alerta com os discos voadores». Cocteau pretende que só os imbecis podem negar a evidência, e que a Terra tem recebido a visita de habitantes de outros planetas.

E por que não?



UM PRESENTE DE NATAL

- Que fazes aí? Vai brincar.
- Mas porquê?
- Não é momento para perguntas.
- Não quero brincar.
- Então está quieto.

Jacques sentou-se no degrau da cozinha. Nada compreensão do que se passava. Uma vizinha e a porteira corriam em todas as direcções como se houvesse fogo em casa. Entravam no quarto da mãe, voltavam a sair. E obedeciam a uma dama vestida de branco que arregaçava as mangas. A dama dava ordens bizarras: «Prepara as toalhas... Não há água como esta. Eu quero muita água quente...». Jacques tentava introduzir-se no quarto da mãe para desvendar o mistério desta agitação, mas deparava-se-lhe a dama vestida de branco.

— Queres correr? E voltando-se para a vizinha Bruneau:

— Que faz uma criança de 8 anos em casa, quando a mãe está satisfeita... A frase ficou suspensa e a senhora levantou os ombros.

— Para onde quer que ele vá? perguntou a porteira.

— Não seil entregue-o a uma vizinha... é tólice. A todo o instante este garoto pode... Novamente a frase ficou incompleta.

Perante o mau humor da dama de branco, a outra respondeu-lhe secamente:

— Esqueceis que esta é a noite de Natal e que os vizinhos têm mais que fazer que aturar um garoto. E pô-lo na rua, a meu ver, não é uma solução.

— Bem, bem, respondeu a dama. E, falando para si: «Encanto da noite de Natal». E o pai? Não há pai, nesta casa? bramia a terrível dama. Devemos preveni-lo.

— É muito tarde...

— É uma casa sem homem?

A dama olhou para as bacias de água quente.

Agora rínguem mais se preocupava com Jacques, principemente instalado a um canto. Olhava. Escutava. Julgou ouvir gemidos que vinham do quarto da mãe e começava a provar uma espécie de angústia. Para ele, não havia mais perguntas so-

bre o Natal, a chaminé, os presentes. Tinha esquecido tudo isto e tinha medo. Sentiu vontade de perguntar: «Minha mãe está doente?», mas não se atreveu. Além disso, as mulheres tinham aspecto ocupadíssimo, mas não angustiadas. Portanto o que devia estar para acontecer a sua mãe devia ser coisa muito misteriosa. Como por exemplo uma doença que não seria uma doença...

Desto vez, Jacques ouviu distintamente que a mãe gemia. Pulou na cadeira e a dama de branco entrou na cozinha como um furacão.

— Depressa, água. Gritou ela.

— Tudo corre bem? perguntou a porteira.

— Creio que a criança se apresenta pelos pés. Seria preciso um médico, mas agora já é muito tarde. Venha.

Jacques arregalou os seus grandes olhos. Que podiam significar aquelas palavras da dama de branco? Estupefacto, fez um prodigioso esforço para compreender, mas limitou-se a repetir: «a criança apresenta-se pelos pés», e nenhuma luz veio à sua imaginação. Resoluto, tomou uma decisão.

— Onde vais, menino?

— A Praça da República.

— E que vais lá fazer?

— É preciso, pois minha mãe está doente.

O revisor reflectiu uns segundos, olhou para todos os lados, procurando avidamente um polícia.

— E tu não tens bilhete?

— Não, senhor. Mas preciso de lá ir.

— E tu sabes onde te dirigir?

— Sei muito bem.

O empregado teve um momento de hesitação, logo o rapazito se precipitava e abalava para outra carruagem.

— Doidos, pensou o empregado. Doidos que deixam correr um fedelho às 11 horas da noite de Natal.

Jacques conhecia o caminho. Fazia-o pelo menos 2 vezes por mês, umas vezes acompanhado de sua mãe, outras, da porteira. Divertia-se em decorar o nome das estações e das ruas, a ver as grandes montanhas das lojas.

Todas as vezes que a mãe o levava, deixava-o à porta a brincar, com a recomendação: não facas malades.

Mas, desta vez, ele ia sozinho e corria. Chegou finalmente à Praça da República, atravessou-a. Parou bruscamente. Era ali. De um fôlego trepou os três andares e correu num botão de campainha.

UM PRESENTE DE NATAL

— Tu por aqui, meu filho?
O homem estava já vestido para sair. Balbuciu algumas palavras enquanto o rapazito de olhos fitos e a respiração suspensa, balbuciu com dificuldade:

— Paizinho, é urgente que venha já!... E, muito orgulhoso, tartamudeou: «A criança apresenta-se pelos pés!»

— Quê? Que dizes tu?
— Digo que deve vir imediatamente comigo e que a criança se apresenta de pés.

Subitamente, muito pálido, o homem olhou o filho sem fazer um movimento:

— Como vieste? Alguém nos espera lá em baixo?

— Não, vim sozinho.

— Ninguém te disse que viesses?

— Não, mas uma dama de branco disse: «Seria necessário um homem». Então eu escapei-me e vim comunicá-lo ao pai.

Agora o pai corre. Calara-se. Revê o rosto da esposa quando lhe manifesta a intenção de a deixar:

— Mas, Jorge, estou prestes a ser mãe.

— Nós separar-nos-emos depois do nascimento da criança!

— E tu não queres ficar em casa até esse dia? interrogava ela, com um leve estremecimento de voz. Não queres esperar até à primeira quinzena de Janeiro?

— Não, não insistas. Quero, bem entendido, que o filho tenha o meu nome, mas a minha decisão está tomada.

— Bravo, pai! — grita o rapaz.

Ele volta-se para o filho, sorrindo:

— Vai, vai!...

— Mas, acrescenta o filho, por que não volta o pai para casa? A mãe ficaria muito contente.

Com cuidado, evita que o seu carro atropel um grupo de noctâmbulos, carregados de garrafas, que ziguezagueavam no meio da rua. Um turbilhão de pensamentos vagueou no seu cérebro. Os seis primeiros anos de casado tinham sido felizes, mas num desastre de automóvel a esposa ficara ferida e duas ligeiras cicatrizes na face e, por isso, julgava-se menos bela e menos desejada. Lenta e secretamente, dia após dia, o ciúme se apoderou dela e tomou o lugar da alegria e da boa-disposição que, até então, eram sua pertença. As cenas sucediam-se às cenas. Jorge não sentia prazer ao entrar em casa

onde a esposa tinha feito o vácuo. Não se via lá ninguém. Não se recebiam amigos.

— Tu enganas-me, eu sei bem que me enganais! repetia ela como se desejasse o seu infortúnio, provocando Jorge.

— Diz, anda, que eu agora já não sou para ti bela, que tu já me não dejas mais...

— Mas, querida, não me anunciaste já que vamos ter um filho?

— É para melhor me enganares que tu... Ele interrompeu-a bruscamente.

— Estás doída, cala-te!...

Então, toma a resolução. Todas as súplicas da esposa foram vãs. Era muito tarde: o ciúme, comoerva daninha, tinha invadido o que fora o jardim tranquilo do seu amor, para nele asfixiar, uma após outra, todas as flores.

— Chegámos, paizinho, depressa!

Não arrumou o carro, tal era a sua preocupação e gagueou, num ápice, o passeio e a escadaria.

— Bom dia, doutor, mas já não necessitamos dos seus serviços.

Ele empalideceu e as mãos começaram a tremer.

— O quê, ela...

— Não, animal-vos, diz a dama de branco sorrindo-se, tudo se passou maravilhosamente.

— Espera-me, Jacques.

Sem tirar o sobretudo, ele entrou no quarto. A vizinha e a porteira acariciavam agora o pequeno.

— Diabrete, onde te meteste?

— E nós perguntávamos para onde diabo te tínhamos sumido!

— E como foste sem té perder?

Abraçaram-no. Não se movia, mas olhava firmemente a porta do quarto. Ao fim de alguns minutos, abre-se por fim e aparece seu pai. Já não trazia o sobretudo. Tinha um ar feliz. Colocou a mão no ombro do filho.

— Escuta-me, querido filho... O Pai Natal acaba de nos apresentar, à tua mãezinha, a minutos, e também a ti, com uma encantadora menina. Chamar-se-á Francisca e é tua irmãzinha. Queres vê-la?

— Sim!

Quando Jacques penetrou no quarto, uma extraordinária alegria iluminara o seu rosto. E quando viu a mãe que lhe sorria, pálida no seu leito, um incompreensível e formidável suspiro de felicidade lhe invadiu a garganta.

ESTE É O REI DOS VIGARISTAS!

Chama-se Carlos Domenico Botta, é italiano e... está preso. Poucas devem ter sido as pessoas capazes de inventar processos tão completos para enriquecer à custa dos outros; escolheu sempre o caminho mais árduo, na mira de obter melhor resultado. Para elucidação dos leitores pouco fantasistas, aqui estão duas das suas ideias:

Antes da guerra, por exemplo, durante o período de grande tensão política entre a Itália e a Inglaterra, Botta disfarçou-se de marajá e, declarando-se inimigo feroz dos ingleses, conseguiu das autoridades fascistas considerável auxílio financeiro. A mascarada terminou com a súbita aparição em cena da mulher de Carlo, que nada percebera das maquinações do consorte.

Outra vez, o «rei dos escrocs» conseguiu vender um navio inteiro, com a cumplicidade de um marinheiro de guarda, que, saudando-o como se fosse o proprietário da embarcação, deu aparência de autenticidade à vigarice!

Que alguém vendera um carro eléctrico, era já do nosso conhecimento. Agora um navio inteirinho!...



DESOLAÇÃO NO ESTÁDIO

Os «deuses» do estádio têm os seus dramas.

Em 1948, nos Jogos de Londres, o magnífico quarteto da Jamaica partiu favorito na corrida de estafetas 4 x 100. Aconteceu, porém, que o mais brilhante componente da equipa, Arthur Wint, «fulminado» em plena corrida por distensão muscular foi forçado a desistir. Viu-se então o seu camarada George Rhoden atirar-se ao solo, desesperado, e chorar de amargura...

Quatro anos mais tarde, em Helsínquia, Wint, Rhoden e os seus camaradas alcançaram o título máximo, naquela modalidade, confirmando assim a sua real categoria.



A FRUTA TEM VITAMINAS...

A beleza não se conserva sem sacrifício — que o digam as beldades do nosso tempo.

Esta jovem escolheu um bom processo para preservar a elegância, seguindo a moderna terapêutica naturista. Assim, antes de se entregar aos braços de Morfeu (e lembramos, para evitar maus juízos, de que se trata do deus do sono...) decidiu desintoxicar o organismo (e que belo organismo...) com umas peças de fruta: uma banana, uma laranja, uns pêssegos ou uma simples avelã... Talvez por uma questão de fotogenia, parece que se contenta, desta vez, com uma avelã. O que não quer dizer que não pudesse escolher outra peçazinha qualquer...

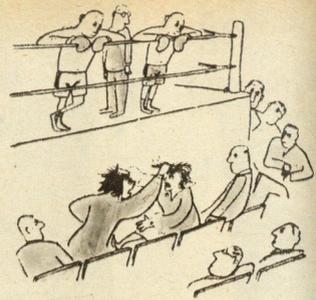
anagramas

Apresentamos seis grupos de três palavras, cada uma das quais composta de quatro letras. Descoberta uma delas, de acordo com o seu significado, a simples troca de letras, fornecerá outras duas, ainda de harmonia com os seus significados.

Se não acertar em cheio, aconselhamo-los a aumentar os conhecimentos.

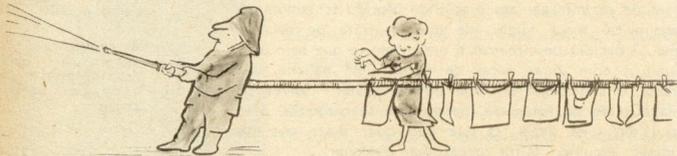
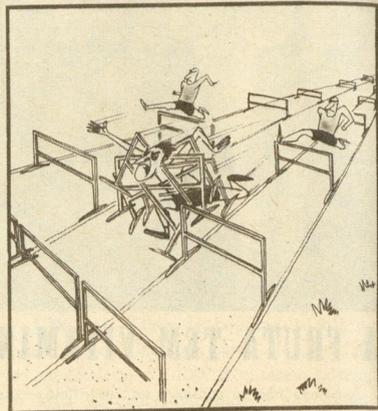
1. a) — Pé e perna dos animais
b) — Idóneo, hábil
c) — Parte exterior e circular do casco da besta
2. a) — cada parte completa em si mesmo de um todo
b) — parte inferior das árvores incluindo as raízes de que se faz carvão
c) — corta rebentos (de uma planta)
3. a) — Filho primogénito de Adão e Eva.
b) — migalha
c) — cumeira
4. a) — uma das colinas de Jerusalém
b) — atreve-se
c) — costumava
5. a) — atitude
b) — parte inferior de uma encosta
c) — qualidade de um corpo pesado
6. a) — descampado
b) — género de peixes acontopterígeos
c) — ulceram com o atrito

(Solução na página 31)



SORRISOS

A LÁPIS...



○ REI ARQUEÓLOGO

O rei Gustavo VI da Suécia que, há muito tempo, se apaixonou pela arqueologia, visitou com a sua sobrinha Margrethe, princesa herdeira da Dinamarca, as grutas de San Giovenale, perto de Roma. Interessaram-se tanto pelos trabalhos em curso, que não hesitaram em dedicar-lhes todo o tempo da visita.

A simpatia que nos merece Gustavo VI da Suécia leva-nos a considerar a imagem curiosa, a que não falta a presença de uma princesa bonita. A simplicidade poucas vezes acompanha um cargo público elevado; e o rei e a princesa, em vez de pretenderem guindar-se às alturas, não se importam de descer às grutas e de serem fotografados em posição tão pouco de acordo com aquilo a que chamamos *pergaminhos!* E o sangue continua a ser azul...



O mundo será bem aventurado, quando começarem a reinar os sábios ou começarem a ser sábios os reis — PLATÃO.

... e O REI MENDIGO

O jovem rei do Sião, Bhumibol Adulyadej foi sagrado frade budista e, durante quinze dias, permaneceu no convento. Revestido de túnica amarela, com a espádua direita e os pés nus, o saco de mendigo na mão, levou a vida dos seus irmãos monjes do Sião, vivendo da escola. Buda foi formal: nos mosteiros, os homens e as mulheres que escolheram a meditação piedosa, nada mais devem possuir do que o pano que os cobre. Este facto não causa admiração a ninguém de Bangkok; enquadra-se na tradição milenária da dinastia e simboliza a renúncia do príncipe hindu Cawya Mouni que se transformou, há mais de dois mil e quinhentos anos, no Buda sorridente, sentado ou deitado, de pedra, de marfim ou de porcelana que se vê em todos os templos, de Ceilão ao Japão...



HOMENS SINGULARES

O CLIENTE QUE NUNCA PAGAVA

Conclusão do número anterior)

(Anthony Parkington, o homem condenado a cinco anos de cadeia por ter praticado mais de setecentos abusos de confiança, dos quais foram vítimas algumas personagens universalmente conhecidas acaba aqui a sua história).

A narrativa fora interrompida quando conheci a dama de honor da Rainha. Pois, meus amigos, não me foi difícil conquistar as suas graças.

Cinco minutos bastaram para que falasse das coisas magníficas que se podem comprar nos ricos e bem sortidos estabelecimentos da cidade eterna. A certa altura eu disse:

— Pois amanhã tenho de comprar uma maleta de viagem para ir visitar minha filha, que vive em Florência (ter uma filha é coisa que desperta sempre confiança); tenho comprado algumas bugigangas que não me cabem na mala que tenho. E pena, pois irei apenas por um dia.

A primeira vista uma observação deste género não parece digna de um burlão (e de que o sou não há menor dúvida, pelo menos tenho essa opinião); mas também neste caso permitir-me-ei corrigir ideias preconcebidas. A dama de honor de uma rainha não se impressiona ao ouvir dizer que alguém viaja com trinta malas ou baús. A gente rica costuma ser pouco gastadora, e disse-se deduz que quem gasta com prudência o seu dinheiro, quase sempre é rico. Com efeito a distinta senhora reagiu exactamente como eu esperava, dizendo:

— Não faça isso, senhor Parkington: nós podemos emprestar-lhe um par de malas vasias.

Aceitei, agradecido. Na manhã seguinte telefonei à gerência do hotel:

— Uma confusão desagradável: duas das minhas malas misturaram-se com a bagagem de Sua Majestade. Vindas juntas, sabe? Rogo-lhe que mande pedi-las à condessa A e levá-las ao meu quarto.

Restá dizer que nunca mais fui incomodado.

Para compreender esta história — que se desenrolou em Paris — permitam-me uma pequena excursão pelo campo das relações sociais. Devem saber que os membros da «society» sentem especial predi-

lecção pelas personagens grotescas, chocar-reiras. Quem pertence ao grupo de «Os dez mil» tem os seus «hobbies» ou passatempos favoritos. E quem tem «hobbies» possui também compreensão para os «hobbies» do semelhante. Por outras palavras: só um aficionado da arte de burlar se apresenta como físico de fama mundial. (Ocorre-me este exemplo porque pareço exactamente um médico de grande prestigio).

As pessoas que vão ao estrangeiro para se divertir não sentem o menor interesse pelos físicos de renome universal. Eu faço isto — perdão! — fazia isto — de um modo muito diferente. Conheci a pobre pequena milionária Bárbara Hutton quando estávamos em Veneza. Disse-lhe que era presidente do Comité Administrativo de uma fundação destinada a erigir um monumento a Ricardo Wagner. Ela recebeu-me imediatamente, porque um inglês velho ao qual se haja metido na cabeça levantar na cidade dos Canais uma estátua ao grande compositor tem de ser fatalmente, personagem curiosa.

E o resto não vale a pena contar. Passo a outra história.

Hospedei-me no mesmo hotel em que se tinham alojado os Duques de Windsor pouco depois de Sua Majestade Eduardo VIII ter abdicado. Uma tarde, tomava eu chá «(Ponha na conta!)» com uma inglesa



que conhecia muito bem os de Windsor. Por motivos que não oferecem interesse especial, havia dois dias que me alimentava de frugalíssimos pequenos almoços. Mas com aquele chá engoli seis pãozinhos com manteiga e uma dúzia de pastéis. A dama contemplava-me com assombro crescente.

— Perdoe-me, mister Parkington — disse — Mas como consegue manter-se tão esbelto com um apetite desses?

Ocorreu-me uma ideia genial:

— Parece não estar inteirada, madame — respondi, sorrindo com encantadora modestia, atrás da minha barbilha —, que sou o inventor da «Dieta Parkington».

— A dama ficou perplexa.

— O que acontece — acrescentei — é que não exploro comercialmente a minha teoria, como é natural, pois isso seria demasiado trabalhosos.

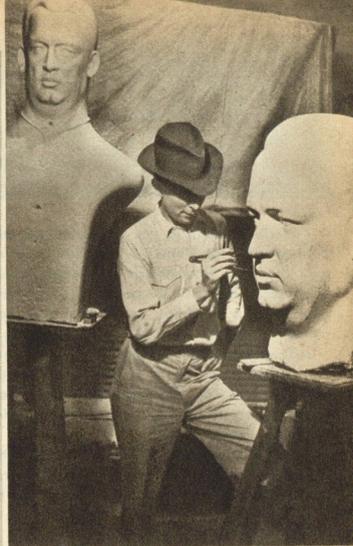
— Se me dá licença vou já dizer à duquesa — comentou a minha interlocutora — a pobre senhora não se atreve a comer nada. Querera o senhor?...

— Com o maior prazer! — respondi com ademane galante. Sempre que eu possa ser útil a uma mulher formosa...

No dia seguinte fui apresentado à duquesa. E com tal motivo pude aliviá-la de uma soma... bem modesta...

Aconteceu no bar do «Ritz».

Em nome da «Agência Portuguesa de Revistas», Baptista Rosa — director da «Platela» — deposita na árvore de Natal do Cinema S. Jorge modesta lembrança para as crianças pobres de Lisboa. A iniciativa bem mereceu a presença honrosíssima da Senhora de Craveiro Lopes.



A CABEÇA DO PRÍNCIPE

O escultor parisiense Georges de Boulogne trabalha actualmente um busto do príncipe Rainier III, destinado à Galeria dos espelhos do palácio de Mónaco. A escultura foi encomendada pela Fundação do Estado de Mónaco e constitui um segundo presente de casamento.

O trabalho de Georges de Boulogne, na imagem que oferecemos aos nossos leitores, consiste em reduzir o busto original, de modo que fique do mesmo tamanho dos outros bustos em exposição na célebre Galeria.

O escultor, durante as longas horas de solidão que o seu trabalho exige, tem a companhia de uma pomba, que recolheu ferida, perto de um arranhar-cóus de Park Avenue, em Nova Iorque, e que levou para Paris. Para ele, a pomba é o símbolo da fidelidade, da coragem e da sobriedade.

O DESTINO DO MUNDO E A MEDICINA

Poderia a história ser diferente da que vem escrita nos livros? É possível. A princesa Carlota, filha única de Jorge IV de Inglaterra, morreu do parto de um filho que seria o herdeiro do trono, mas que poucos segundos teve de vida.

Alexandre magno morreu do malária sem deixar descendentes. A mesma enfermidade vitimou também Cronwell, ao passo que o grande adversário de Carlos II, Estuardo, foi salvo pela quinina.

Não há dúvida de que os médicos contribuíram sempre, embora indirectamente, para a sorte do mundo. E outro tanto poderão fazer agora.

O ESTÓMAGO DE S. S. PIO XII



Operosa e difícil foi a tarefa dos médicos para formular exactamente o diagnóstico de doença de Pio XII, há dois anos. Finalmente, os doutores alcançaram a meta: o Santo Padre padecia de hérnia diafragma de Sua Santidade

(músculo cupuliforme que separa o estômago do intestino) tem um orifício demasiado amplo à entrada do esófago: por esta razão o estômago produz a hérnia no tórax. E daí as angústias, as digestões penosas, a anemia e a depressão que, apesar da sua fortaleza espiritual, afligem o Santo Padre. O ferro, a vitamina B12, os extractos de mucosa gástrica, etc., têm-no feito recuperar notavelmente. O único remédio radical.

segundo os médicos, seria uma intervenção cirúrgica, mas receia-se que a idade avançada do Santo Padre não a suporte.

O CORAÇÃO DE EISENHOWER



O coração de Ike é uma espada de Damocles. Como se sabe, no ano passado, Eisenhower foi atacado subitamente de uma doença de coração: um infartamento. As artérias do Presidente dos Estados Unidos estão comprometidas pela arteriosclerose: o tempo tornou-as duras e tortuosas; obstruem-se com facilidade, pelo que os órgãos não devidamente irrigados pela corrente sanguínea constituem uma ameaça. Ike foi magistralmente operado, e dois dias depois da intervenção passeava pelos seus aposentos. Entretanto o perigo passou, mas os médicos vigiam atentamente a saúde deste homem optimista e, ao que parece, imprescindível.

A LESÃO DE CHURCHILL



O célebre ex-primeiro ministro inglês tem sofrido vários ataques cerebrais. Churchill tem a pressão elevada e deve fazer uma vida absolutamente à parte da política; evitar o frio, o tabaco e o whisky. Mas se lhe é possível evitado ambiente político, para o ilustre estadista britânico

torna-se difícil renunciar ao prazer de uns charutinhos e de uns goles de bom licor escocês. Diz-se até que Churchill costuma divertir-se nas costas dos médicos, fazendo o contrário do que eles prescrevem. Sobre tudo continua a fumar os seus havanos, uns atrás dos outros (embora os seus adversários sustentem que não aspira o fumo, e que se limita a ter o charuto entre os lábios). Comumente a sua garrafa de whisky esvasia-se num ápice e está sempre junto da janela através da qual o antigo premier britânico contempla o rigoroso inverno londrino. Apesar de tudo, Churchill prolonga a vida e parece que é uma excepção à regra, segundo a qual são os médicos que escrevem a história.

A VESÍCULA DE EDEN

Quem padece da vesícula destinada a conter a bilis, deve levar uma vida moderadíssima e tranquila, com dieta rigorosa: fruta, verduras, tapiocas, carne

de vitela assada; abolição completa do álcool e do tabaco! Estes doentes sofrem de mau humor. As curas termais e a alimentação vegetariana ajudam a liquifazer a bilis e a limpar as vias biliares. O primeiro ministro britânico Anthony Eden, apoquentado por esta

doença, teve há pouco de ser operado para poder continuar a sua vida política. Não obstante, Eden parece um enfermo bastante volúvel. Só atende os médicos quando se vê absolutamente obrigado, a aceitar os seus conselhos. Também os doutores vigiam a saúde deste homem cuja conservação interessa à Inglaterra.

O FIGADO DE KRUCHEF



Finalmente, o fígado de Kruchef ofereceu-nos outro exemplo. Os ataques de icterícia repetem-se neste homem, glúteo e bedor, continuamente ameaçado — segundo parece — de cirrose hepática. O humor e o rendimento «profissional» do chefe soviético ressentem-se bastante da sua enfermidade, embora os físicos russos façam todo o possível para o manter no bom caminho... Prescreveram-lhe uma dieta rica de carnes, verduras e frutas, pouco caviar e nada de wodka. Extractos de fígado, vitaminas B, e outros medicamentos poderão conservá-lo o tempo suficiente para realizar o seu «programa»... Mas também Kruchef parece ser um doente indómito, e não é fácil vaticinar se ele se os médicos quem ganha a partida. Teimoso e relapso — além de homem de maus fígados...



MACACOS COM SORTE!...

É tradição apresentar nos Estados Unidos, na quadra de Natal, espetáculos excêntricos e bem-humorados — sempre que possível. Para tal, os empresários dão largas à fantasia e procuram, em todo o mundo, a originalidade e os temas mais estranhos. Desta vez, é o chimpanzé Johnny que se prepara para arranjar aplausos às plateias bem dispostas. Estas imagens são a prova de que o nosso amigo Johnny (ou não seja ele descendente directo dos nossos antepassados...) teve sorte com o número que lhe atribuíram. Aqui o temos, com Margie e Peggy, em atitudes de dança clássica e acrobacia. E não há dúvida de que merecem, para já, um sorriso... e, vamos lá, um pouco de inveja, pela companhia que arranjou...



MISS PUBLICIDADE

Em Roma, a americana Ivy Bless foi proclamada «Miss Publicidade». Miss Ivy realizou, há alguns meses, um feito publicitário único no seu género. Faz-se passar por noiva do filho de Nasser, que não tem ainda seis anos de idade! Prevêem a Ivy Bess uma bela carreira na Sétima Arte.

A POLÍCIA TEVE QUE CONTAR!...

Em Long-Island, John van Huda e sua irmã Jeannette, foram um dia assaltados por dois jovens gangsters. Quando a polícia acorreu ao local, depararam-se-lhe montes de notas e de moedas, espalhados por toda a casa, em profusão absolutamente desnordeante! A polícia levou dois dias a contar aquela imensa fortuna e não faz ideia de como os van Huda juntaram tanto dinheiro. O fisco já aguça a faca

Montanhas de notas de banco, muitas delas devoradas pelos ratos e meio queimadas...



John van Huda (à esquerda), que foi outrora **chauffeur** de táxi, não consegue explicar-se. Nele só se percebe um medo pânico e incessante de Hitler.

para cortar a sua fatia, pois John não paga imposto há muitos anos. Mas o caso interessa sobretudo os psiquiatras. Essa fuga diante da realidade, este drama de um medo de mais de vinte anos (pois os van Huda ainda hoje tremem ao pronunciar o nome de Hitler), contém todos os elementos de uma tragédia, a tragédia do nosso tempo e da angústia que ele comporta.



Joana de Arc. (1411-1431), aos treze anos sentiu que devia libertar a França do jugo inglês. Aos dezoito expulsou os inimigos de Orleães.

GRANDES desde PEQUENOS



Félix Mendelssohn (1809-1857) sicós. Com nove anos executou pertencida a uma família de músico um concerto público.

António Van Dyck (1599-1641) foi um grande pintor de retratos. Antes de cumprir vinte anos, já lhe atribuíam o título de «mestre».



Albrecht Dürer (1471-1528) tinha apenas catorze anos quando desenhou este auto-retrato.

“neons” da Avenida

1 — Uma actriz teatral (omitimos o nome para afugentar a ideia de perseguições), procura à força de cosméticos dissimular a idade que tem. Pois essa mesma atriz surpreendeu Manuel Lima a mirar-lhe o rosto.

— Por que me olhas assim com tanto interesse. Manel? — perguntou-lhe sorridente.

Resposta do cenógrafo.

— É que eu também sou pintor.

*

2 — Emílio Correia, que está no Porto, debatia com um amigo em plena Avenida dos Aliados o velho e inumerável egoísmo da espécie.

A certa altura, o actor fez uma citação latina:

— «Homo homini lupus».

— Tem razão — concordou o outro — Os homens devem ser observados à lupa.

E o Emílio não levou a mal.

(Se não conhecer o brocardo, pergunte a um intelectual da Avenida ou escreva para o «Sã da Bandeira», rua do mesmo nome, Porto).

*

3 — Xavier de Magalhães, Filho (não confundir com o saudosos jornalista e revisor gráfico) amigo n.º 1 dos artistas e promotor crónico de jantares de homenagem, pergunta a um amigo:

— Vamos almoçar juntos?

— Bem, vamos — diz o José Rocha das «Vozes de Portugal», julgando-se convidado.

— Com uma condição! — propõe o Xavier de Magalhães — Para a próxima vez pago eu.

*

4 — Roda de amigos à porta do «Lisboa».

Diz um:

— É o público que faz os artistas.

Comenta outro:

— Os artistas é que fazem o público

Conclui o terceiro:

— No Maria Vitória está o génio Salvador do nosso Teatro. Faz tudo. Faz refaz. Até «refez» a Beatriz Costa.



Duas de FERNANDEL

Num «cocktail» celebrado em Paris com o fim de homenagear Gary Cooper e fazer publicidade ao seu próximo filme (os «cocktail» realizam-se sempre com um objetivo qualquer) Fernandel fez força com o «valentão» americano para saber qual dos dois pagava a conta. O combate — diz-se — foi sofisticado e deu um empate. No final, com um sorriso teceiro o conhecido cómico francês teve este comentário: um treino apenas... já que toda a gente numa dada conjuntura tem de fazer força pelo menos uma vez ao dia...

A Outra:

«— Dizem que nós somos parecidos. Mas qual dos dois é mais bonito? Sinceramente não me importo que ele me leve a palma ou mesmo você, que está a julgar esta questão...»



FIQUE-SE

com esta!

No hospital universitário de Uppsala (Suécia) o professor de cirurgia plástica **Tork Skoog**, após três anos de aturados experiências, descobriu um método que permite conservar a pele viva durante três meses, à temperatura de 700 centígrados. Este processo torna possível salvar as pessoas afectadas de queimaduras que necessitem de grandes transplantações de pele. Aplicado à cirurgia plástica faz milagres: pode eliminar as nossas piores deformações — principalmente as das mulheres que não se importam de sofrer para ser bonitas...

Raras vezes nos arrependemos do nosso silêncio; frequentemente de termos falado. — **Marquês de Maricá.**

Perto de Ingolstadt (Alemanha), uma aldeã distribuía pelas ruas da sua terrinha cartas de amor roubadas à noiva do cunhado. Motivo: as duas mulheres odiavam-se cordialmente. Resultado: seis semanas de prisão para a carteira improvisada.

Não foi cá nem na América, mas para a hipótese...

O certo, é que um ilustre homem pú-

blico recebeu de um dos seus eleitores uma carta redigida nestes termos:

«Senhor deputado, queria que me ajudasse a obter um empréstimo do Crédito Agrícola Mútuo. O Tesouro não perderia nada. Eu empregaria integralmente a importância do empréstimo na aquisição de Fundos do Estado. Além disso, com os lucros, eu poderia pagar os meus impostos, coisa que já não faço há três anos».

Boneca! — obra de fantasia para as meninas brincarem e com que os homens se casam às vezes. — **Celt.**

Chamado a dar uma explicação sobre a rápida deterioração do calçado recentemente feito na Avenida Afonso Pena, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais (Brasil), o técnico da companhia fornecedora da matéria-prima declarou: para que a duração seja maior, é preciso que a Câmara Municipal determine a proibição do tráfego de carros, cujos motores ou tanques vazem gasolina.

A Sr.^a Sarah China de Denver, (E. U.), pediu e obteve divórcio, alegando que o marido, proprietário de um pequeno hotel, a impedia de tomar banho, sob o pretexto de que precisava da água quente para os serviços do restaurante.

NASCIMENTO DRAMÁTICO

A senhora Lila Jenkins, já mãe de três filhos, deu à luz o quarto em circunstâncias dramáticas. Atingida pela poliomielite, foi tirada do pulmão de aço o tempo necessário para dar à luz. Tudo se passou sem acidente, e o feliz pai teve um longo suspiro de alívio, como bem podemos imaginar.

Uma vez mais, a técnica aliada à ciência, salvou duas vidas. Uma vez mais se recorda o tempo estranho em que vivemos, capaz de lutar por uma vida e, simultaneamente, capaz de mandar para a morte milhões de seres inocentes, com o deflagrar de uma só bomba, produto de uma ciência irmã da salvadora. Estranho tempo este em que vivemos!



AFOITEZA!

Eis uma saborosa imagem que fará inveja a muitos homens que alguma vez relutantemente puseram de parte a hipótese de poderem vir a ser domesticadores de elefantes. E lhes afirmarmos que estas quatro encantadoras pequenas se dedicam à tão delicada arte do *ballet*, mais espantados ficarão perante esta iniludível prova de afoiteza, registada no Zoo de Londres. Diga-se de

passagem que *Dumbo*, o elefante, procurou ser o mais gentil possível para as quatro bailarinas — o que talvez já não acontecesse se visse empoleirarem-se no seu dorso quatro figurões com ares de raltão —, mas, em todo o caso, temos de concordar que não é qualquer sapariga, mesmo dessas que sonham com aventuras na selva, que será capaz de repetir a «proeza» destas...



LIÇÃO III — ENTERRADO VIVO

Sem preâmbulos, vamos dar a palavra a Scarha Bey que, com tanta proficiência, vem orientando estas lições desde a primeira hora da nossa revista.

«Já não basta a circunstância de os homens serem cadáveres adiados para haver quem, antes da hora fatal, faça uma pequena excursão às raias do outro mundo! Mas o certo é que, todos os anos surge um mortal que se faz enterrar vivo. Com grande barulho publicitário, anuncia que permanecerá várias horas metido num ataúde. Mas como o consegue ele isso? Para tal fim utilizar um ataúde grande onde possa estirar os membros à vontade. Além disso no «caixão» foram previamente praticados orifícios quase imperceptíveis para deixar entrar o ar; e, pelo sim pelo não, mune-se de uma garrafa de oxigénio que leva oculta nas calças. Diz um ditado: mais vale prevenir que remediar; e outro acrescenta que a morte não tem remédio...

Já estão os meus queridos discípulos a ver como a coisa se consegue. Mas ainda não é tudo. A leve capa de terra que cobre o ataúde está atravessada por um fio eléctrico ligado a uma lâmpada. Em caso de desfalecimento, o «mártir» prime um botão, a lâmpada acende-se e ele está safo... Assim se compreende que os faquires possam permanecer tantas horas numa tumba sem grave prejuízo para a sua saúde física...

Daqui se vê que o faquir não é um ser sobre-humano. Não há magia alguma nas experiências que ele comete. É um ilusionista e portanto, o seu lugar está nos palcos dos teatros e nas pistas de music-hall. No entanto, estes tipos de feira (se os meus ex-colegas ouvisses desdenhar da classe, certamente far-me-iam enterrar vivo...) estes tipos de feira, dizia eu, para alcançar o domínio da sua arte, tiveram de praticar um dos mais antigos desportos do mundo: o yoga. Isto, porém, já é uma coisa séria da qual não sei se vos falei se não. Se resolver... escrever-vos-ei de Paris. E agora, meus meninos, até ao próximo sábado em que tenciono ministrar a

IV LIÇÃO — PERFURAÇÕES



REGRESSO A MÓNACO

O príncipe Rainier e sua esposa, a princesa Grace, regressaram a Mónaco, depois de uma viagem de três meses à América. À chegada, declararam que não abandonariam mais o Principado até ao nascimento do filho, previsto para Fevereiro. Aos reporteres, a encantadora princesa confiou que o seu parto não seria sem dor, e que confiava nos velhos processos. Dois médicos, um americano e um natural de Mónaco, assistirão à chegada ao mundo do bebé-príncipe.

Rainier III e sua esposa (na fotografia), a bordo do «Constitution», ao largo de Cannes.



Pessoas conhecidas...

HEMINGWAY E O DILEMA

«Na vida privada» — diz Hemingway, — «o escritor encontra-se perante uma triste alternativa: se é feliz no lar, perde a pouco e pouco o gosto de escrever e estraga a sua carreira; se casa com uma megera, escreve muito, mas estraga a vida. E se fica solteiro, estraga simultaneamente a vida e a carreira».

UM CONSELHO A FARUK

Um amigo, a quem Faruk confiava o seu desespero de não conseguir emagrecer a despeito de todas as curas experimentadas, aconselhou o ex-rei: «Experimente o rock and roll!»

INCIDENTE TÉCNICO

Brigitte Bardot ficou desiludida ao visitar a cidade eterna. A censura italiana cortou algumas imagens do filme **E Deus criou a mulher**, em que ela aparecia quase nua.

— «As fotos estavam tècnicamente perfeitas!» — lamentou-se Brigitte.

UMA IDEIA PARA CERTAS SENHORAS

A primeira *downesse* do mundo é Pinuccia Nava, a mais jovem de três irmãs que formaram um elenco de variedades célebre em Itália. O casamento das mais velhas constrangiu Pinuccia a orientar a sua carreira de modo diferente. Decidiu ser palhaço. E por que não? Tem um grande sentido de humor e não lhe é difícil fazer rir o público. O êxito de Pinuccia Nava está hoje incontestável e sòlidamente firmado Festejam-na. Aplaudem-na.

Aqui está uma bela ideia para algumas senhoras nossas conhecidas, que fazem palhaçadas em qualquer lugar: em S. Carlos, no Chiado ou numa casa de chá elegante... Assim, sempre divertiam oficialmente, provocando as gargalhadas que merecem em vez de sorrisos escondidos...

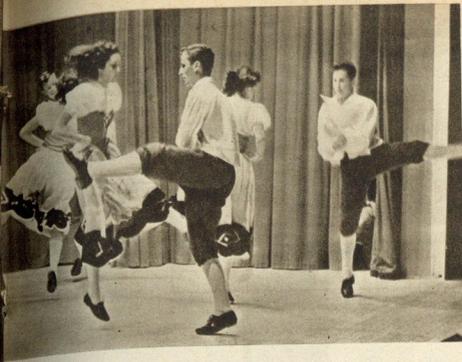
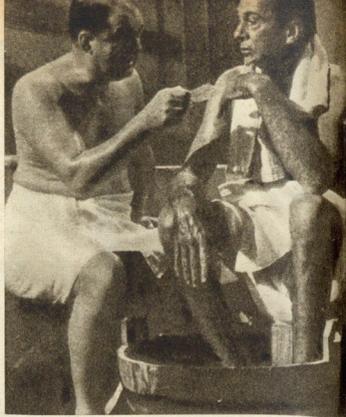


GARY COOPER

amolece os calos!...

Desculpem-nos os cinéfilos, mas Gary Cooper tem calos, como qualquer burguês de média extracção. Palavra que não nos sentimos felizes ao dar esta notícia, mas a verdade, cedo ou tarde, acabaria por se impor. E o mais curioso é que os amolece numa celha idêntica às portuguesas, que entraram já na tradição e que, pelos vistos, têm uma utilidade nunca suspeitada.

Quem nos enviou dos Estados Unidos esta fotografia garantiu-nos que, nesta altura, o popular e simpático artista se encontrava preocupado com um problema familiar. É caso para dizer que, à falta de barbas, resolveu pôr os pés de molho...



QUEM FOI QUE DISSE ... que os suíços não sabem dançar?

UM RECORD: 25.000 Metros!



Dois arrojados aeronautas, Morton Lewis (à esquerda), de 43 anos, e Malcolm D. Rosa, de 37 anos, de Washington, estabeleceram novo *record* mundial de altitude em balão cativo: 25 mil metros. Esteve prestes a desenrolar-se uma catástrofe: o balão mergulhou brusca-mente. A equipagem conseguiu restabelecer a situação e salvar-se sem ferimentos.

Há turistas que afirmam que os suíços não têm o instinto da dança. Por sua vez, os naturais do país dos quatro Cantões, não se cansam de garantir o contrário. E, para o provarem, estão dispostos a mandar em *tournee* pelo mundo um grupo artístico de bailados originais, baseados no folclore nacional. O grupo *Feuille*, que aqui vemos em plena acção, é composto por jovens de 16 a 20 anos e, em toda a parte, desperta aplausos entusiásticos. Deste modo, o conjunto coreográfico do país da neve mostra-se capaz de aquecer os corações, com uma alegria que vem do povo e entra na Arte.



A SERIEA DOS OLHOS VERDE-MAR!

Joan Collins é uma *pin-up* do cinema inglês. Contrariamente ao que muitos pensam, as mulheres inglesas são das mais belas do mundo. E Joan Collins, a *seriea dos olhos verde-mar*, é, além de bela, uma jovem inteligente. A gama das interpretações que até agora nos ofereceu, constitui a prova da sua capacidade artística. Desta vez, será «A Esposa do Mar» (*Seawife*). Roberto Rossellini tinha sido indicado para realizar o filme com esse título, mas desistiu depois de rodadas algumas cenas, e endossou a responsabilidade a Robert Mac Naught. Há quem afirme que esta produção teria dado a Rossellini a boa oportunidade para alcançar de novo a popularidade de que perdeu em anos de trabalho intermitente e de insucessos...

Maria Schell VAI CASAR-SE

Maria Schell não «interpreta» nenhum papel mais ou menos romântico, na imagem que apresentamos. Trata-se simplesmente de uma mulher que se encontra com o homem que ama. O noivo, o realizador alemão Horst Haechler, foi a Paris ver a célebre artista suíça (sabiam que ela é suíça e não alemã?), que vai rodar em França o seu próximo filme, Maria Schell conheceu Horst Haechler durante a rotação de um filme por ele dirigido e que terá um título simples: *Amor!* Quando Haechler terminou esta história de amor, o cineasta e a estrela descobriram que estavam apaixonados. Data do casamento: a primavera.



A NOSSA CAPA

Um beijo são duas vidas, duas almas unidas sejam quais forem as bocas que compo-
nham essa es-

trofe maravilhosas. Mas beijos de mãe são aleluias do peito e contam-se como as areias do mar. Por isso da imagem que apresentamos na capa se desprende um poema todo ternura, candor, sentimento e paixão. É bem um sugestivo quadro de Natal — daquele Natal que congrega corações e consagra a Família.



NA CONTRA-CAPA: Se os antepassados deste pele-vermelha, com gostos e tendências absolutamente modernistas, pudessem observar isto, roer-se-iam de inveja e dariam por mal empregado todo o tempo que andaram a escarpelizar brancos pelas monótonas pradarias. Este garboso componente da tribo Umatille, por seu lado, não inveja nada essa época dos «encontros» com brancos, e prefere «encontros» com brancas como estas que conheceu nos estúdios da Universal, pelos quais foi contratado para figurar numa película de índios e vaqueiros. Abaixo o machado! Vivam os caras-pálidas... e as morenas também!



ALBUM

Pedimos a Carmen Mendes, gentilíssima artista do teatro e do cinema, cujos progressos se afirmam dia a dia, a sua foto

preferida e Carmen não teve relutância em nos ceder a que se reproduz acima. Observá-vos-lhe certos inconvenientes em dá-la em estampa, mas a vedeta retrucou-nos:

— «A moral é a verdade do coração. E eu em questões de moral não admito censuras. Além disso tenho por esta foto uma predileção muito íntima. Não é o facto de ela provar que nos estúdios fotográficos ou nos do Lumiar se conseguem poses tão curiosas como nos *la minute* da Feira Popular ou de certames de província, mas a circunstância de assinalar a materialização do grande desígnio artístico que me alimentava. Com efeito, esta fotografia assinala uma etapa feliz da minha vida: o meu ingresso no cinema.

VERDADEIRO OU FALSO?...

1 — Os braços do delta do Nilo lançam-se no Mediterrâneo, um perto de Damietta e outro perto de Roseta?

2 — Nivôse (21 de Dezembro — 19 de Janeiro) era o 4.º mês do calendário da república (francesa)?

3 — Offenbach é uma cidade da Alemanha?

4 — Alguns pagodes são verdadeiras cidades, como o de Vichnu, em Srirangam, que alberga 25.000 habitantes?

5 — Todos os pássaros constroem ninhos?

6 — O néon é um elemento gasoso que se extrai do ar líquido por destilação?

7 — Argand é um físico russo, inventor das lâmpadas às quais Quinquet deu o seu nome?

8 — Algumas flores da montanha podem viver cinquenta anos?

9 — A Catedral de Amiens é a maior igreja da França?

10 — Entre as aves, é quase sempre o macho quem constrói os ninhos?

(Respostas na página 31)



DA TERRA à LUA SERÁ UM SALTO DE PEGA... (se a passarola pegar)

Com vivo afã, os sábios continuam a preparar, o barquinho doirado que, numa viagem de sonho, nos há-de levar à Lua (e, possivelmente, a outros portos de abrigo do **mare magnum** do espaço). Já sabemos como vai decorrer essa excursão. Tudo está previsto.

Será uma festa rasgada com música, foguetes (os tais foguetes que servirão de veículos) e traços folclóricos. A indumentária adaptará-se-á às formas corporais para manter uma pressão atmosférica artificial e proporcionar oxigénio e calor. Toda a gente poderá bailar na carruagem, dentro de certos limites — claro está!

As primeiros turistas, a Lua vai surgir de lado, qual dama loureira que exercita a **toilette** à vista de estranhos. E enquanto o «astro saudosos» for rasgando «alvamento, húmido véu», vai aumentando o seu tamanho para se mostrar grandioso.

A duas horas e cinquenta minutos de caminho (mais ou menos o percurso de Belém à Trafaria) os viajantes ter-se-ão afastado 28.600 quilómetros do ponto de partida. Mas, entretanto, a velocidade da astronave reduzir-se-á a 19.600 quilómetros por hora, pois a atracção do nosso planeta continuará ainda a actuar como um freio.

Depois, a cómoda barcarola deixará de girar em torno da Terra; procurará afastar-se como sucede com os pombos cor-

reios, quando, por fim, lobrigam o caminho.

Ao cabo de trinta horas, a velocidade do «expresso-vaqueiro» descerá a 6.400 quilómetros já com a estação de embarque à distância de 212.000: a distância total da terra à Lua é de 384.000. A cento e treze horas de viagem, chegará o momento mais emocionante para os excursionistas. A superfície lunar estará «só» a 38.000 quilómetros e, nessa altura, devem começar a sentir outra espécie de atracção: a pálida Diana estende-lhes os braços. O «coche celeste» em que viajam os habitantes da Terra principiará a acelerar de minuto a minuto para cair sobre a Lua a uma velocidade de 10.000 quilómetros. Esta fúria de alcançar a etérea sedutora, reduzí-los-ia a fanicos logo ao primeiro contacto dos corpos, se os timoneiros do batel não dispusessem de capacidade de manobra. Eles sabem porém, como hão-de governar o barco.

Quando se preparam para pôr um pé na Lua, devem enviar ao «astro saudosos» luzida mensagem da sua presença. Os jorros ardentes das câmaras de combustão farão levantar núvens de pó castanho-grisáceo da seca superfície lunar, os motores da astronave deixarão de zumbir e o desembarque será cometido. Finalmente, os primeiros seres humanos poderão repousar no seio da Lua — e auscultar-lhe o coração...



JOÃO ALEIXO toca ... para o boneco

— Não! Não se trata de falta de ouvintes, sempre dispostos a aplaudir-lo e a reconhecer-lhe os méritos indiscutíveis! Simplesmente, o simpático acordeonista João Aleixo gosta de ensaiar os seus números em sossego e sem ter de aturar opiniões de «entendidos». Por isso, um simples boneco, em traços paradisíacos mas bonacheirão, ali está pronto a sorrir-lhe e a incitá-lo... Um amigo do artista pretende que as rosadas faces de João Aleixo serviram de modelo do rosto do boneco, mas não acreditamos que assim aconteça; imaginem quanto não teria o acordeonista de receber de direitos... de autor!



SOLUÇÕES DA PÁGINA 11: 1. Pata, apta tapa; 2. Peça, cepa, cape; 3. Caim, mica, cima. 4. Sião, Oisa, soia; 5. Pose, sopé, peso; 6. Ermo, mero, roem.

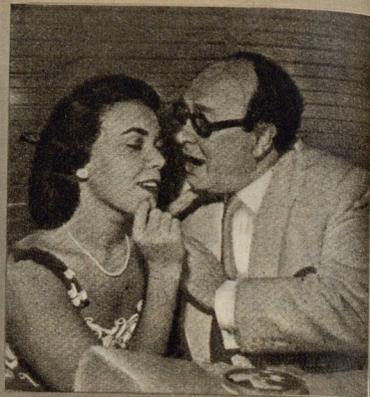
SOLUÇÕES DA PÁGINA 29: 1 — Verdadeiro. 2 — Verdadeiro. 3 — Verdadeiro. 4 — Verdadeiro. 5 — Falso. Por exemplo: o cuco, que põe os ovos em ninho alheio. 6 — Verdadeiro. 7 — Verdadeiro. 8 — Verdadeiro; existem algumas deste género nos Andes. 9 — Verdadeiro. 10 — Falso; é a fêmea. O macho procura e transporta os materiais.

FARUK o magnânimo ... ou talvez não!

Todos lemos nos jornais que Faruk, apiedado pela sorte de uma jovem que perdera a totalidade de grossa maquia de um concurso de «O dobro ou nada», na rádio italiana, lhe mandara entregar a respectiva importância. Logo as trombetas da publicidade lhe exalçaram à acção magnânima, tanto mais que Marisa (assim se chamava a concorrente) precisava desse dinheiro para auxiliar a mãe doente. No entanto, não falta quem veja nesse gesto algo mais do que bondade: de facto, se atentarmos na imagem acima, é possível uma outra interpretação. Para que os nossos leitores não penssem muito, elucidamos que Marisa é a jovem da esquerda, que bem poderia fazer a vida negra à Lolio famosa...

KALANAG

— UM HOMEM
COM ARTES
DE DEMÓNIO!



Kalanag, «amordacado» conduziu um automóvel pelas ruas congestionadíssimas do Rio de Janeiro e, concluída a experiência, afirmou que foi um regalo.

O Rio de Janeiro, S. Paulo e todo o Brasil viveu em sobressalto. Surgiu um duende, um duende benigno, mas que faz coisas de espantar! Acompanhado de meia dúzia de garotas das tais que fazem fechar o comércio, Kalanag (um nome de arripai) pôs os cabelos em pé ao menos sugestionável dos homens.

E as tais garotas secundam-no em todas as bruxarias. Além de enfeitarem pela plástica, exercitam todos os feiticos do mago que as chefia.

Kalanag comete prodígios incríveis: adivinha o pensamento de toda a

Kalanag desvenda o pensamento de Vera Luuian, a tal das pernas que valem um milhão, mas que se não vêem na gravura (Que pena!).



gente, faz desaparecer um automóvel em pleno palco, «escamoteia» um marido à esposa (sem objectos, digamos, maldosos o que apesar de tudo já lhe custou certos incómodos com a policia) e..., o que é assombroso e principalmente útil, transforma a linfa clara e pura das fontes e piscinas em vinho de mesa, em licores, em conhaques e em cachaça — essa deliciosa cachaça que faz os nossos irmãos brasileiros mussitar o oremos a missa que só Deus pode ouvir e a nós, portugueses nos preserva de gripes e quejandas maleitas na estação fria.

Este será entre muitos outros, que o espaço não nos deixa contar, o mais benéfico e mais proveitoso de todos os milagres perpetrados pelo mágico que certamente tirou um curso completo em certos laboratórios do Beato, Poço do Bispo e redondezas... — que aliás têm sucursais em muitos outros pontos...

Ele, porém, faz as manipulações à vista de todos.

Neste
número



UM VEÍCULO ANIMAL
QUE NÃO REPELE
CARGA



UM PELE VERMELHA COM
GOSTOS CIVILIZADOS

Preço \$150

O MENINO QUE QUER
"LIMPAR" O MUNDO



N. 3